



Avaliação de estudantes sobre práticas de ensino em Disciplina de um Curso de Fonoaudiologia do Estado de São Paulo

Evaluation of students over practices on a subject of Speech-language pathology course in São Paulo State

Evaluación de estudiantes sobre practica de enseñanza en disciplina de un Curso de Fonoaudiologia del Estado de Sao Paulo

*Edinalva Neves Nascimento**

*Sandra Regina Gimenez-Paschoal***

Resumo

Neste estudo se avaliam sete práticas de ensino superior realizadas em uma Disciplina de um Curso de Fonoaudiologia do Estado de São Paulo. Foi realizado com 31 estudantes do segundo ano de uma universidade pública, com idade entre 21 e 26 anos. As práticas de ensino foram planejadas de acordo com o Plano de Ensino da docente responsável pela Disciplina, as recomendações das Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Fonoaudiologia e os pressupostos teóricos da Análise do Comportamento. Os resultados mostraram 394 avaliações das práticas de ensino realizadas pelos estudantes, sendo 259 (66%) favoráveis e 135 (33%) desfavoráveis. O relato de vivência foi a prática de ensino melhor avaliada (70%) diferentemente da entrevista (62%). Este trabalho mostrou as potencialidades e as fragilidades de cada prática de ensino realizada e pode contribuir com os docentes de Cursos de Fonoaudiologia e de outras áreas do ensino superior na elaboração do Plano de Ensino.

Palavras-chave: fonoaudiologia; educação superior; ensino.

Abstract

This study evaluates seven higher learning practices performed on a subject of a Speech-language pathology course at São Paulo State. It was done with 31 sophomore students of a public university, with a 21-26 age range. Teaching practices were planned according to the Teaching plan of the Professor responsible for the subject, the recommendations of the National Curricular Directions of the Speech-

**Fonoaudióloga. Diretora de Integração Ensino Serviço da Secretaria da Saúde de Marília. ** Docente do Departamento de Fonoaudiologia da UNESP de Marília.*

language pathology undergraduate course and the theory assumptions of Behavior Analysis. The results showed that 394 teaching practices evaluations were performed by the students, 259 of them (66%) favorably and 135 (33%) unfavorably. The statement of the experience was the teaching practice better evaluated (70%) different from the interview (62%). This paper showed the potentialities and fragilities of each teaching practice performed and may contribute to Speech-language pathology teachers and other areas of teaching on the conception of the teaching plan.

Keywords: *speech, language and hearing sciences; education, higher; teaching.*

Resumen

En este estudio se evalúan siete prácticas de educación superior realizadas en una disciplina de un Curso de Fonoaudiologia del Estado de São Paulo. Se llevó a cabo con 31 estudiantes de segundo año de una universidad pública, con edades entre 21 y 26 años. Se planificaron las prácticas de enseñanza, de acuerdo con el Plan de Enseñanza de la profesora responsable de la disciplina, las recomendaciones de los Lineamientos Curriculares Nacionales del Curso de Grado en Fonoaudiologia y los supuestos teóricos del Análisis de Conducta. Los resultados mostraron 394 evaluaciones de las prácticas de enseñanza llevadas a cabo por los estudiantes, siendo 259 (66%) favorables y 135 (33%) desfavorables. El informe sobre la experiencia fue la práctica de la enseñanza mejor evaluada (70%) a diferencia de la entrevista (62%). Este trabajo mostró las potencialidades y las debilidades de cada práctica de enseñanza realizada y puede contribuir con los profesores de los Cursos de Fonoaudiologia y de otras áreas de la educación superior en la redacción del Plan de Enseñanza.

Palabras clave: *fonoaudiologia; educación superior; enseñanza.*

Introdução

As mudanças curriculares nos cursos de graduação da área da saúde têm ocorrido para orientar a teoria e a prática do processo de ensino-aprendizagem das profissões. Essas mudanças buscam formar os alunos para uma ação competente, ética e responsável, integrada às necessidades de saúde da população¹.

A formação ética, generalista, crítica e reflexiva está pautada nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) do Curso de Fonoaudiologia. Nas DCNs estão previstas, ainda, competências e habilidades relativas à atenção à saúde, tomada de decisões, liderança, gerenciamento e educação permanente².

Qualquer curso de graduação tem o objetivo de desenvolver as aptidões necessárias para a prática profissional, envolvendo as dimensões éticas, políticas, sociais, técnicas, científicas e culturais³.

O desenvolvimento destas habilidades e competências ocorre especialmente durante as atividades práticas de estágios. No entanto, nos Cursos de

Fonoaudiologia os estágios acontecem nos últimos dois anos da graduação²⁻⁴.

Os campos de estágio tornaram-se ainda mais restritos com a sanção da Lei de Estágio nº. 11.788⁵. Embora haja avanços nos direitos dos estagiários, há impedimentos para as instituições de ensino e campos de estágio. De acordo com essa Lei, a instituição de ensino precisa indicar um professor orientador, da área do conhecimento desenvolvida no estágio, como responsável pelo acompanhamento e avaliação das atividades dos estagiários. Além disso, no campo de atuação deve haver um funcionário do quadro de pessoal da empresa, com formação e experiência profissional na área do conhecimento, para orientar e supervisionar os estagiários.

Sendo assim, torna-se difícil manter a estrutura daqueles estágios já existentes (uma vez que não há docentes e/ou supervisores suficientes para acompanhar presencialmente todos os estagiários), bem como propor novos campos. Uma alternativa é tornar as disciplinas iniciais dos Cursos favoráveis para a realização de atividades práticas.

No entanto, os Cursos de Fonoaudiologia são historicamente tradicionais, utilizando aulas expositivas, seminários e leituras de textos como principal estratégia de ensino do conteúdo. A sala de aula é o principal espaço para a realização das atividades didáticas e as metodologias ativas pouco identificadas⁴⁻⁶.

A sala de aula é naturalmente o espaço de encontro entre o professor e o aluno, no entanto, não deve engessar o processo de ensino-aprendizagem. Cabe à Universidade encorajar vivências em cenários reais para promover uma formação humanitária⁷.

Os alunos precisam ser ensinados também fora da escola, em locais onde atuarão futuramente, garantindo a autonomia necessária para se comportar de forma nova e original em situações futuras, quando não mais estiverem sendo formados⁸.

As discussões e críticas aos modelos de currículos existentes contribuíram para se pensar novas alternativas de melhorar o processo de aprendizagem dos alunos. Essas discussões promoveram mudanças no ambiente de aprendizagem, com a introdução de novas atividades e recursos, bem como outras ferramentas em sala de aula⁹.

Mediante estas inquietações alguns Cursos de Fonoaudiologia têm realizado reforma curricular e inserido modalidades pedagógicas diferentes como, por exemplo, seminários, tutorias, oficinas, vivências formadoras¹⁰. Entretanto, não há uma avaliação discente sobre as estratégias de ensino implementadas.

Desta forma, este trabalho tem o objetivo de avaliar, sob a perspectiva dos alunos, práticas de ensino superior realizadas em uma Disciplina de um Curso de Fonoaudiologia do Estado de São Paulo.

Método

A proposta deste estudo foi apreciada pelo Comitê de Ética da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita” sendo por ele aprovado sob o protocolo 2544/2008. Os documentos éticos (Carta de Apresentação e Termo de Consentimento) foram elaborados de acordo com as sugestões de Cozby¹¹ considerando-se o anonimato do respondente, o sigilo da informação confidencial, esclarecimentos sobre a pesquisa e liberdade de escolha na participação, assim como os demais princípios expostos

na resolução 196/96 sobre pesquisas envolvendo seres humanos.

A pesquisa foi realizada em um Curso de Fonoaudiologia do interior do Estado de São Paulo. Participaram desta pesquisa os 31 alunos que cursavam uma Disciplina do segundo ano, sendo todos do gênero feminino, com idades entre 21 e 26 anos, média de 22 anos e desvio padrão de 17.

O Curso foi selecionado entre os seis que participaram do estudo de Nascimento¹². O critério de seleção foi a proximidade com o local de estudo da pesquisadora, haja vista a necessidade do acompanhamento semanal e presencial das atividades que seriam propostas aos discentes. Inicialmente foi estabelecido contato com o coordenador do Curso, entregue a Carta de Apresentação, explicado o objetivo do trabalho e, com a autorização, assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

A escolha da Disciplina baseou-se na presença de conteúdos sobre atenção primária à saúde em sua ementa¹². Além disso, considerou-se a concordância da docente em participar da pesquisa, o aceite em inserir/complementar estratégias de ensino entre as atividades acadêmicas, bem como o consentimento de a pesquisadora acompanhar as atividades dos alunos como procedimento de coleta de dados do Doutorado em Educação e parte do Estágio Docência solicitado pela CAPES.

Os critérios de seleção do Curso, das Disciplinas e do Estágio enquadram-se no perfil de uma amostra não probabilística. Para Cozby¹¹ esse tipo de amostra considera a conveniência do pesquisador e prioriza as relações entre variáveis. Os resultados não são generalizáveis, mas permitem descrever as informações obtidas em uma amostra específica.

Foi selecionado o tema “prevenção de acidentes infantis” por se tratar de um problema de saúde pública ainda sem solução e estar diretamente relacionado às implicações fonoaudiológicas¹³.

A seleção das práticas de ensino sobre prevenção de acidentes considerou o estudo de Nascimento¹² que indicou, por meio da análise de documentos de uma amostra de cursos de Fonoaudiologia, quais métodos poderiam estar sendo utilizados pelos docentes, além das habilidades profissionais preconizadas pelas Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Fonoaudiologia².

Além disso, foram apreciadas as sugestões de Botomé³, as quais informam que as práticas de ensino precisam provocar resultados nas ações dos estudantes que serão retomadas quando os mesmos estiverem formados.

Sendo assim, foram propostas sete práticas de ensino, respeitando-se aquelas que já vinham sendo realizadas pela docente responsável pela Disciplina, fazendo-se adaptações quando necessário e inserindo-se outras diferentes. As práticas utilizadas foram: 1) trabalho em grupo, 2) relato de vivência, 3) palestra, 4) entrevista, 5) observação, 6) filmagem e 7) visita domiciliar.

Cada atividade durou, em média, 90 minutos. Para a realização de todas as atividades de ensino desta Disciplina foram utilizadas 15 horas/relógio, distribuídas em cinco dias alternados e aleatórios.

Trabalho em grupo

O trabalho em grupo teve o objetivo de favorecer a interação em equipe, o compartilhamento de informações e a troca de experiências e opiniões. Este tipo de trabalho já era realizado pela docente da Disciplina para discutir textos e planejar as atividades sobre desenvolvimento infantil, entretanto, ainda não havia sido inserido o conteúdo sobre prevenção de acidentes.

Considerando que os grupos já estavam formados, sugeriu-se a manutenção dos mesmos: cinco grupos com seis alunas e um grupo com sete. A divisão foi feita pelas próprias alunas, baseada na faixa etária das crianças com as quais iam interagir nos trabalhos práticos da Disciplina: Grupo 01 (interação com crianças de um ano de idade); Grupo 02 (interação com criança de dois anos de idade) e assim por diante.

Para a realização do Trabalho em Grupo foram inseridos textos, leituras e discussões sobre atividades de prevenção de acidentes de forma complementar às atividades que estavam sendo realizadas pela docente, assim como apresentadas três questões para debate:

- 1) Para vocês, o que é acidente?
- 2) Vocês acreditam que existe relação entre este tema e a Fonoaudiologia?
- 3) Em caso afirmativo, qual relação vocês acreditam haver?

Solicitou-se o registro das respostas das alunas, em folhas individuais e sem identificação, sendo as mesmas recolhidas em seguida.

Após o recolhimento das respostas, foram fornecidos textos específicos para discussão em grupo articulando “prevenção de acidentes” e “Fonoaudiologia”. Os textos foram:

- 1) Classificação Internacional de Doenças¹⁴
- 2) Política nacional de redução de morbidade por acidentes e violência¹⁵
- 3) Os acidentes infantis e os distúrbios da comunicação¹⁶
- 4) O fonoaudiólogo na prevenção de acidentes¹⁷

Estes textos foram discutidos em grupos, sendo as respostas e dúvidas registradas individualmente. A pesquisadora passou por todos os grupos para intermediar a discussão e verificar se existia alguma dúvida que não estava sendo resolvida. Ressaltou-se que o importante era a participação do grupo e a apresentação de comentários e sugestões sobre o material analisado. Não existia “certo” ou “errado”.

Foi solicitado aos grupos que selecionassem um relator para apresentar o resultado do trabalho. O papel do relator foi fazer uma síntese da discussão grupal, apresentando as dúvidas, apreciações, comentários e sugestões ao final de cada discussão. A exposição foi feita oralmente na frente da sala de aula. Em cada atividade foi selecionado um relator diferente, a fim de oferecer a oportunidade de todos participarem.

Relato de vivência

A estratégia de ensino “Relato de Vivência” teve a finalidade de resgatar acontecimentos reais e sensibilizar as alunas sobre os perigos que existem próximo a elas, sendo realizado pela primeira vez na Disciplina.

Foi solicitado aos estudantes dos grupos que redigissem uma experiência sobre acidentes que aconteceram consigo, com alguém da família, com pessoas conhecidas ou sobre casos observados na televisão, jornais e revistas, registrando-os no caderno. Para a elaboração do relato considerou-se o tipo de acidente, a situação na qual ele ocorreu, a idade e gênero da pessoa, bem como a consequência física, emocional e/ou social.

Os casos foram elaborados individualmente e discutidos no Grupo de origem. Cada Grupo elegeu um caso que despertou maior curiosidade e escolheu um relator para fazer a apresentação na frente da sala. O papel do relator foi apresentar sucintamente todos os casos sobre acidentes discutidos em seu Grupo e informar o porquê daquele ter sido selecionado.

Palestra

A Palestra sobre riscos para acidentes em escolas de educação infantil foi a primeira experiência na Disciplina. Foi convidada uma fonoaudióloga, mestre e doutoranda em Educação com o objetivo de apresentar experiências científicas sobre o tema. A palestrante selecionou o assunto que foi apresentado, assim como a didática da palestra.

A pesquisadora agendou previamente uma tarde com a docente e os discentes para a realização da palestra. Esta foi realizada em sala de aula, por meio de exposição dialogada e com o apoio de retroprojektor (da Universidade) e transparências (da palestrante), durante aproximadamente 40 minutos.

A palestrante convidada apresentou as características de risco para acidentes infantis observadas nos espaços escolares (áreas externas das escolas, corredores, salas de aula, banheiros, escadas, *playgrounds*, bem como locais de armazenamento dos produtos de limpeza e medicamentos) e as opiniões dos professores sobre os acidentes infantis¹⁸.

Antes do início da palestra, a pesquisadora entregou folhas para as alunas anotarem questões ou sugestões sobre o conteúdo da palestra e/ou a respeito do método utilizado na pesquisa de mestrado. No final elas devolveram as anotações à pesquisadora e discutiram com a palestrante as dúvidas que tiveram. Os registros foram revisados no final da discussão para averiguar se todas as questões haviam sido respondidas. Após a realização da palestra os discentes apresentaram questões e sugestões por escrito.

Entrevista, observação, filmagem e visita domiciliar

A realização de entrevista, observação e filmagem teve a finalidade de trabalhar as habilidades de interagir, questionar, observar e registrar. Esta atividade já era realizada pela docente com o tema sobre desenvolvimento infantil, sendo inserido o conteúdo sobre prevenção de acidentes de forma complementar.

Foi solicitado às alunas que refletissem sobre os conhecimentos que haviam aprendido nas atividades anteriores sobre acidentes. Esses conhecimentos apoiariam a elaboração de um roteiro de entrevista a ser aplicado junto aos familiares das crianças que seriam visitadas, assim como um roteiro de observação para o ambiente residencial.

Como o tempo para a realização das atividades sobre acidentes na Disciplina foi de apenas 15 horas-aula, não foi possível aprimorar cada roteiro junto aos grupos. Optou-se, então, por auxiliá-los na elaboração de um único instrumento de entrevista e outro de observação, unindo as informações contidas em todos os grupos.

O roteiro de observação foi elaborado em forma de protocolo, tendo-se como ponto de partida um modelo já desenvolvido pela docente da Disciplina. Partindo do modelo da docente, os estudantes elaboraram um roteiro de observação dos aposentos das residências dos familiares das crianças da comunidade. Este roteiro apresentava campos para assinalar os espaços observados e os materiais/mobílias/utensílios considerados riscos para acidentes em cada um deles.

1- quarto da criança (berço, cercadinho, brinquedos, produtos de higiene, medicamentos e cama);

2- quarto do adulto (produtos de higiene e beleza, beliche, acessórios e objetos pequenos, fios de iluminação/eletrodomésticos, lâmpadas, tomadas, cama);

3- banheiros (produtos de higiene e limpeza, banheira, piso, equipamentos elétricos e cortantes, box de vidro);

4- salas (aparelhos eletrônicos, estante, tapetes, lâmpadas, tomadas, porta de vidro);

5- cozinhas (utensílios, eletrodomésticos, objetos pontiagudos/cortantes, fósforos, objetos pequenos, piso, toalhas de mesa e sacos plásticos);

6- áreas de serviço ou quintal (produtos de limpeza/pesticidas, produtos de reforma, balde, bancos, animais domésticos, insetos, plantas, árvores, telhados e lajes, tanque, fossa para dejetos, cacos de vidro, cercas).

Os discentes visitaram as famílias em suas moradias, entregaram a Carta de Apresentação do trabalho e, mediante concordância, solicitaram o preenchimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Posteriormente, aplicaram o roteiro de entrevista e de observação paralelamente ao trabalho sobre desenvolvimento infantil.

Além disso, realizaram filmagem para identificar situações de risco e de segurança nas residências, conforme instruções discutidas previamente.

No último dia de aula foi realizada a apresentação dos trabalhos dos grupos, ou seja, os resultados das entrevistas, observações e filmagens. Essa apresentação foi realizada em uma sala de multimídias, geralmente utilizada para exposição de trabalhos e defesa de dissertações e teses. Cada grupo apresentou os resultados obtidos em relação ao desenvolvimento infantil e prevenção de acidentes infantis, bem como entregou o Relatório Final grupal e individual com estas informações,

elaborado de acordo com instrução apresentada e discutida inicialmente em sala de aula.

Resultados e Discussão

Tratando-se da avaliação do **trabalho em grupo** (Tabela 1), a maioria dos graduandos informou que permitiu trocar opiniões, aprender com o conhecimento e a experiência de outra pessoa e enriquecer o grupo como um todo. Por outro lado, relataram, principalmente, dificuldade na organização e concentração dos integrantes do grupo e em lidar com as opiniões diferentes.

Tabela 1. Distribuição das frequências absolutas referentes à avaliação dos aspectos considerados facilitadores (n=30) e dificultadores (n=12) pelos graduandos na avaliação do trabalho em grupo.

Avaliação do trabalho em grupo		F
Aspectos facilitadores	Diversidade e partilha de opinião	14
	Aprendizado com o conhecimento e a experiência do outro	11
	Enriquecimento do grupo como um todo	6
	Interação e cooperação pessoal	3
	Possibilidade de escuta	2
	Reflexão sobre o conhecimento do outro	2
	Observar na prática o conhecimento teórico	1
	Síntese de informações e opiniões	1
Subtotal	41	
Aspectos dificultadores	Dificuldade na organização e concentração dos membros do grupo	8
	Opiniões diferentes dos membros do grupo	5
	Demanda de tempo	2
	Redução do ritmo da aula	2
	Dúvidas que surgiram durante a discussão não foram sanadas	1
	Tornou as aulas cansativas	1
Subtotal	19	
TOTAL	60	

A troca de ideias em grupo foi uma oportunidade de aprender a expressar o pensamento, bem como de ouvir e interpretar a informação recebida, respeitando-se as divergências de opiniões que podem acontecer. Essa interação é importante para a formação, tendo em vista que a maioria dos profissionais da saúde trabalha em equipe. Além disso, o relacionamento em grupo permite conhecer os comportamentos que são estabelecidos entre os integrantes, bem como a interação com o ambiente, preparando as pessoas para controlar

suas ações quando estiverem diante de situações semelhantes¹⁹.

No que se refere à avaliação do relato de vivência sobre acidentes (Tabela 2), os discentes indicaram como facilitadores a troca de experiências e de conhecimento entre os alunos, o aprendizado de um tema teórico por meio do relato de fatos reais e a ampliação do conhecimento sobre acidentes infantis. De forma contrária, mencionaram dificuldade para reunir o grupo e organizar a redação e apresentação da vivência.

Tabela 2. Distribuição das frequências absolutas referentes aos aspectos considerados facilitadores (n=28) e dificultadores (n=14) pelos graduandos na avaliação do relato de vivência sobre acidentes.

Avaliação do relato de vivência		F
Aspectos facilitadores	Troca de conhecimento e experiências entre os alunos	13
	Aprendizado da teoria com relato de fatos reais	8
	Ampliação do conhecimento sobre acidentes infantis	3
	Mais atenção para os riscos de acidentes	2
	Não soube explicar	1
	Enriquecimento da estrutura curricular	1
	Conhecimento de senso-comum amplificado por aulas teóricas	1
	Aprendizado de observação	1
	Enriquecimento do conhecimento sobre desenvolvimento infantil	1
	Aprendizado sobre a prática da redação	1
Subtotal	34	
Aspectos dificultadores	Dificuldade para reunir o grupo todo	3
	Dificuldade para organizar a redação e apresentação da vivência	3
	Discussão entre os participantes do grupo devido à divergências de opinião	2
	Confusão entre o limite da prevenção e da superproteção	2
	Embasamento teórico pobre	1
	Algumas dúvidas não foram sanadas	1
	O aluno não se recorda da aula/redação	1
Demanda de tempo	1	
Subtotal	14	
TOTAL	48	

De fato, o **relato de vivência** possibilitou a troca de experiências entre os discentes. Foram elaborados 27 casos diferentes envolvendo situações de acidentes (automobilístico, ocupacional, doméstico, infantil, etc.) com familiares ou outras pessoas conhecidas. As situações foram descritas com riqueza de detalhes, envolvendo informações sobre o tipo de acidente, a situação na qual ocorreu, a faixa etária e o gênero dos envolvidos, bem como a consequência física, emocional e social.

Embora alguns discentes tenham mencionado dificuldade em reunir o grupo, isto não foi verificado na atividade prática, uma vez que a maioria procurava diretamente seu grupo quando chegava à sala de aula. Além disso, percebeu-se comprometimento dos grupos em relação à pontualidade no horário de chegada de seus integrantes, bem como justificativas nos atrasos e saídas antecipadas.

Quanto à avaliação da **palestra** sobre acidentes infantis na escola (Tabela 3), foram citados como

aspectos facilitadores o conhecimento sobre situações e objetos de risco presentes nas escolas, a sensibilização para práticas preventivas e a oportunidade de trazer uma pessoa para falar sobre o assunto. De outra forma, mencionaram que a palestra foi extensa e com excesso de detalhes e que algumas dúvidas não foram respondidas.

A palestra foi uma oportunidade de contato com uma profissional fonoaudióloga com experiência científica em prevenção de acidentes infantis na escola. Foi realizada na sala de aula, com um público de 31 pessoas, diferentemente daquelas que são realizadas em auditórios, com um número maior de ouvintes. Desta forma, os discentes puderam ter um contato mais próximo com o palestrante, fazer perguntas e apresentar comentários e sugestões, sendo a maioria respondida logo após a palestra.

Embora tenham referido que a palestra foi extensa, o tempo de uma hora (apresentação e esclarecimentos) não foi suficiente para responder todas as dúvidas, conforme indicaram quatro discentes. Para as próximas pesquisas sugere-se que a palestrante disponibilize um endereço eletrônico para contato e recebimento das dúvidas. Além disso, se houver tempo hábil no programa de ensino da docente e disponibilidade da palestrante, pode ser agendado um segundo momento,

a fim de discutir as dúvidas pendentes, assim como apresentar as imagens de risco filmadas nas escolas de educação infantil. Estas imagens poderiam ser utilizadas como recurso de ensino para trabalhar a habilidade de observação do ambiente, discriminação de fatores de risco e registro de fatos observados. Os discentes poderiam assistir ao vídeo e, individualmente, registrar o que foi observado, compartilhando com o grupo posteriormente.

Tabela 3. Distribuição das frequências absolutas referentes aos aspectos considerados facilitadores (n=29) e dificultadores (n=18) pelos graduandos na avaliação da palestra sobre situações de risco para acidentes infantis em escolas.

Avaliação da palestra		F
Aspectos facilitadores	Conhecimento das situações e objetos de risco para acidentes presentes nas escolas infantis	16
	Sensibilização para práticas preventivas de acidentes infantis	5
	Oportunidade de trazer uma pessoa para falar sobre o assunto	4
	Reflexão em conjunto sobre o tema	3
	Conhecimento da responsabilidade de atuação do fonoaudiólogo frente ao tema	3
	Esclarecimento das dúvidas sobre o tema	3
	Sensibilização quanto à importância das orientações para prevenção de acidentes infantis	2
	Importância de divulgar o tema	2
	Palestra é uma forma de exposição que prende a atenção do aluno	1
	Colaboração na prática de observação domiciliar	1
	Despertou a necessidade de buscar mais sobre o tema	1
Subtotal	41	
Aspectos dificultadores	Palestra extensa com excesso de detalhes	4
	Algumas dúvidas não foram sanadas	4
	Excesso de zelo pela prevenção de acidentes tendendo a superproteção	4
	Excesso de palestras sobre o tema	3
	Tempo insuficiente para discussão do assunto	2
	O uso de retroprojetor tornou a palestra cansativa	1
	Dificuldade em reunir o grupo	1
	Impressão de que ideias contrárias não foram aceitas pela palestrante	1
	Não incluir "primeiros socorros" na discussão	1
Repetição de tema	1	
Subtotal	22	
TOTAL	63	

Tratando-se da avaliação da **entrevista** com a família (Tabela 4), os graduandos citaram como aspectos facilitadores o envolvimento da família, e saber que a mãe tinha conhecimento prévio sobre o assunto. Já em relação aos aspectos dificultadores, relataram constrangimento e invasão na vida familiar, além de falta de colaboração da família.

A entrevista foi, de forma geral, avaliada de forma positiva, principalmente pelo envolvimento

com família de crianças e possibilidade de questionamento. A entrevista (anamnese) é uma atividade frequentemente utilizada nos estágios de Fonoaudiologia, desta forma, o contato prévio com este procedimento pode diminuir a ansiedade e insegurança comumente identificadas no início dos estágios²⁰.

Tabela 4. Distribuição das frequências absolutas referentes à avaliação dos aspectos considerados facilitadores (n=24) e dificultadores (n=14) pelos graduandos na avaliação da entrevista com a família da criança.

Avaliação da entrevista com a família		F
Aspectos facilitadores	Envolvimento e colaboração da família	9
	Saber que a mãe tinha conhecimento prévio sobre acidente infantil	7
	Aplicar a teoria na prática	2
	Ajudar a família a refletir sobre acidentes infantis	2
	Percepção de detalhes da dinâmica familiar	1
	Conhecer a opinião de outra pessoa	2
	Alertar a família sobre os riscos	1
	Subtotal	24
Aspectos dificultadores	Constrangimento e invasão na vida familiar	3
	Falta de colaboração da família	3
	Não teve contato com a família	2
	Julgamento do comportamento da família	2
	Recordar a família do acidente	2
	Vergonha	1
	Observar situações de risco no ambiente	1
	Perceber que o acidente não é levado a sério	1
Subtotal	15	
TOTAL	39	

Para os próximos estudos seria interessante a realização de um treinamento detalhado e personalizado entre os alunos para a realização de entrevista antes do primeiro contato com a família. Ela poderia ser feita em dupla, entre as próprias alunas, ou dessas com a docente, criando-se proposadamente diferentes situações-problema, o que poderia aperfeiçoar os comportamentos de manusear o gravador, de questionar, de ouvir, de transcrever e discutir os dados da entrevista, diminuindo os aspectos desfavoráveis vivenciados neste procedimento.

Referindo-se à avaliação da **observação** da residência (Tabela 5), os discentes citaram como aspectos facilitadores a possibilidade de identificar as situações de risco para acidentes infantis, ficar mais atento aos riscos no ambiente doméstico e observar o comportamento cuidadoso da família. Por outro lado, como dificultadores relataram a observação da casa de uma pessoa estranha e encontrar situações de risco para ocorrência de acidentes infantis.

O contato com as residências dos familiares, de fato, possibilitou a discriminação de situações

de risco para acidentes infantis, sendo considerado como facilitador e dificultador pelos discentes. Facilitador no sentido de conseguir identificar objetos perigosos nos diversos cômodos da casa.

Dificultador pelo fato de não conseguir interferir na mudança do ambiente de forma a torná-lo mais seguro.

Tabela 5. Distribuição das frequências absolutas referentes à avaliação dos aspectos considerados facilitadores (n=31) e dificultadores (n=23) pelos graduandos na avaliação da observação da residência da criança.

Avaliação da observação da residência da criança		F
Aspectos facilitadores	Identificar as situações de risco para acidentes infantis	10
	Ficar mais atento aos riscos para acidentes infantis no ambiente doméstico	7
	Observar o comportamento cuidadoso da família	6
	Acolhimento da família	5
	Articular a teoria com a prática	4
	Observar que o ambiente domiciliar era seguro	4
	Orientar a família quanto aos riscos para acidentes	2
	Observar um ambiente	1
Subtotal		39
Aspectos dificultadores	Observar a casa de uma pessoa estranha	9
	Ver situações de risco para ocorrência de acidente infantil	9
	Vários itens do roteiro de observação não foram observados	1
	Apontar as situações de risco para a família	1
	Observar é cansativo	1
	Não orientar a família no momento da observação	1
Deixar a família preocupada com os riscos observados	1	
Subtotal		23
TOTAL		62

A orientação aos familiares sobre as informações obtidas na observação foi prevista entre as atividades, no entanto, os discentes não finalizaram os planejamentos de devolutiva, devido ao término da disciplina. Embora não executada, esta ação poderia ser contemplada nos planejamentos futuros, com previsão de ser realizada logo após a observação.

Em relação à avaliação da **filmagem** (Tabela 6), os discentes citaram como aspectos facilitadores a possibilidade de analisar situações de risco e de segurança no ambiente domiciliar, contar com a

colaboração da família e trocar experiência com a mesma, assim como interagir com a criança e entender sobre o desenvolvimento infantil. Como aspectos dificultadores relataram ter que observar situações de risco para a ocorrência de acidente infantil e a dificuldade técnica em trabalhar com filmagem.

A avaliação positiva que os discentes fizeram da filmagem foi semelhante àquela da entrevista, ou seja, foram dois procedimentos de ensino que permitiram conhecer situações de risco no ambiente doméstico e interagir com a família.

Tabela 6. Distribuição das frequências absolutas referentes à avaliação dos aspectos considerados facilitadores (n=31) e dificultadores (n=18) pelos graduandos na avaliação da filmagem na residência da criança.

Avaliação da filmagem na residência da criança		F
Aspectos facilitadores	Analisar situações de risco e de segurança no ambiente domiciliar	11
	Contar com a colaboração da família e trocar experiência com a mesma	7
	Interagir com a criança e entender o desenvolvimento infantil	6
	Colocar em prática o conteúdo teórico	5
	Rever a filmagem posteriormente	3
	Selecionar brincadeiras que não oferecem riscos para acidentes	1
Subtotal		33
Aspectos dificultadores	Observar situações de risco para a ocorrência de acidente infantil	3
	Dificuldade técnica em trabalhar com filmagem	3
	Filmar e analisar a filmagem são atividades cansativas	2
	Não houve suporte educativo para orientar a família	2
	Desconforto em filmar a residência da família	2
	Dificuldade em encontrar uma filmadora disponível	2
	Filmadora intimidou a criança	1
	Crianças são ativas durante a filmagem	1
Dificuldade em ficar atento a coisas diferentes	1	
Subtotal		17
TOTAL		50

Quanto aos aspectos facilitadores, foi relatada dificuldade técnica quanto ao manuseio da filmadora. A literatura orienta a respeito dos passos essenciais quanto ao uso de entrevista, observação e filmagem, inclusive aspectos relativos ao manuseio e posicionamento do equipamento²¹. Aplica-se, ainda, a mesma sugestão apresentada na entrevista, ou seja, realização de uma filmagem antes da visita na residência da família. Além disso, sugere-se observar as dificuldades encontradas pelos discentes quanto à aquisição dos acessórios básicos (adaptador de fita para a filmadora, por exemplo), pois dificilmente são disponibilizados pela universidade.

Estudo realizado com estudantes do 5º ano do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Piauí (UFPI) mostrou que a produção de vídeo contribuiu para a articulação da teoria com a vivência cotidiana, sendo também considerada uma estratégia relevante para a formação no ensino superior²².

Quanto à avaliação da **visita domiciliar** (Tabela 7), os graduandos citaram como aspecto facilitador a possibilidade de aplicar a teoria na prática, orientar a família e interagir com a criança. Como aspectos dificultadores, a invasão na rotina e privacidade da família e a insegurança.

Tabela 7. Distribuição das frequências absolutas referentes aos aspectos considerados facilitadores (n=30) e dificultadores (n=24) pelos graduandos na avaliação da visita domiciliar.

Avaliação da visita domiciliar		F
Aspectos facilitadores	Aplicar a teoria na prática	15
	Interagir com a família e orientá-la	12
	Interagir com a criança	10
	Identificar os riscos para acidentes infantis no ambiente domiciliar	8
	Trabalhar em grupo	1
	Melhorar a capacidade de relacionamento pessoal	1
Subtotal		47
Aspectos dificultadores	Invasão na rotina e privacidade da família	9
	Insegurança	7
	Falta de disponibilidade da mãe e da criança	2
	Realização da entrevista e observação	1
	Dificuldade em reunir o grupo	1
	Distância da residência da família	1
	Dificuldade em encontrar uma câmera de vídeo	1
	Espaço físico restrito da residência para o grupo	1
	Dificuldade em interagir com a criança	1
Indicação de situações de risco para a família	1	
Subtotal		25
TOTAL		72

Tendo em vista que cada grupo era composto por seis integrantes ou mais, seria desejável para próximas turmas que houvesse uma divisão no momento da visita, para que a família não se sentisse inibida e os discentes desconfortáveis.

Estudos mostram que os alunos de graduação sentem dificuldades na visita domiciliar, principalmente pelo fato de desconhecer o que deve ser registrado²³. Desta forma, justifica-se a importância do uso de roteiros de entrevista, observação e filmagem, trabalhados previamente, para orientação dos

discentes em relação ao que precisa ser anotado.

Considerando, ainda, todos os procedimentos de ensino avaliados pelos discentes (Tabela 8), verifica-se predominância da avaliação positiva (259 indicações) em comparação às dificultadoras (135 indicações).

Em cada procedimento os aspectos facilitadores também foram superiores, destacando-se o trabalho em grupo e o relato de vivência, que ultrapassaram 50% nas aprovações.

Tabela 8. Distribuição das frequências absolutas referentes à avaliação facilitadora (n=29) e dificultadora (n=29) realizada pelos graduandos em relação às estratégias de ensino.

Estratégia de ensino	Avaliação facilitadora	%	Avaliação dificultadora	%
Trabalho em grupo	41	68	19	32
Relato de vivência	34	70	14	30
Palestra	41	65	22	35
Entrevista	24	62	15	38
Observação	39	63	23	37
Filmagem	33	66	17	34
Visita domiciliar	47	65	25	35
TOTAL	259	66%	135	33%

Considerações finais

Este trabalho mostrou que foi possível inserir práticas de ensino sobre prevenção de acidentes humanos em uma Disciplina de Curso de Fonoaudiologia. Elas foram articuladas e/ou complementares aos procedimentos de ensino da docente e ocorreram de forma individual e em grupo, na sala de aula, assim como nos domicílios de crianças da comunidade.

Os discentes opinaram sobre as práticas realizadas, apresentando os aspectos facilitadores e dificultadores em cada uma delas, o que pode contribuir no repensar das ações realizadas e na proposição de sugestões para futuros planejamentos de ensino com qualquer temática relacionada à Fonoaudiologia e áreas afins.

Referências Bibliográficas

1. Belei RA, Gimenez-Paschoal SR, Nascimento EN. História curricular dos cursos de graduação da área da saúde. *História Educ.* 2008; 12(24):101-20.
2. Conselho Nacional de Educação. Diretrizes curriculares nacionais do curso de graduação em fonoaudiologia. In: Almeida M. Diretrizes curriculares para os cursos universitários da área da saúde. Londrina: Editora Rede Unida; 2003. p. 45-9.
3. Botomé SP. Objetivos comportamentais no ensino: a contribuição da Análise Experimental do Comportamento [tese]. São Paulo (SP): Instituto de Psicologia; Universidade de São Paulo; 1981.
4. Nascimento EN, Gimenez-Paschoal SR. Análise das matrizes curriculares e dos programas das disciplinas e estágios de cursos de fonoaudiologia do estado de São Paulo. *Distúrb Comun.* 2008; 20(1):39-49.
5. Brasil. Lei 11788, de 25 de setembro de 2008. Dispõe sobre o estágio de estudantes; altera a redação do art. 428 da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto-Lei no 5.452, de 1º de maio de 1943, e a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996; revoga as Leis nos 6.494, de 7 de dezembro de 1977, e 8.859, de 23 de março de 1994, o parágrafo único do art. 82 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e o art. 6º da Medida Provisória no 2.164-41, de 24 de agosto de 2001; e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111788.htm
6. Casanova IA, Moraes AAA, Ruiz-Moreno L. O ensino da promoção da saúde na graduação de fonoaudiologia na cidade de São Paulo. *Pro-Posições.* 2010; 21(3):219-34.
7. Moimaz SAS, Saliba NA, Zina LG, Saliba O, Garbin CAS. Práticas de ensino-aprendizagem com base em cenários reais. *Interface-Com, Saúde, Educ.* 2010; 14(32): 69-79.
8. Zanotto MLB. Formação de professores: a contribuição da análise do comportamento. São Paulo: Editora Educ; 2000.
9. Stedile NLR, Friendlander MR. Metacognição e ensino de enfermagem: uma combinação possível? *Rev Lat Amer Enf.* 2003; 11(6):792-9.
10. Trenche MCB, Barzaghi L, Pupo AC. Mudança curricular: construção de um novo projeto pedagógico de formação na área da Fonoaudiologia. *Interface- Com, Saúde, Educ.* 2008; 12(27): 697-711.
11. Cozby P. Métodos de pesquisa em ciências do comportamento. São Paulo: Atlas; 2003.
12. Nascimento EN. A formação fonoaudiológica em relação aos acidentes humanos: aspectos curriculares e opiniões de docentes e discentes [dissertação]. Marília (SP): Faculdade de Filosofia e Ciências: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”; 2006.
13. Nascimento EM, Gimenez-Paschoal SR. Os acidentes humanos e suas implicações fonoaudiológicas: opiniões e docentes e discentes sobre a formação superior. *Rev Ciênc Saúde Col.* 2008; 13(2):2289-98.
14. Organização Mundial de Saúde. Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde- CID 10. Disponível em: <http://www.datasus.gov.br/cid10/V2008/cid10.htm>. Acesso em: 03 nov. 2013.
15. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Análise de Situação de Saúde. Política nacional de redução da morbimortalidade por acidentes e violência. Brasília: Editora do Ministério da Saúde; 2005.
16. Gimenez-Paschoal SR. Os acidentes infantis e distúrbios da comunicação. *Diário, Opinião*, p. 2-A, 2000.
17. Gimenez-Paschoal SR. O fonoaudiólogo na prevenção de acidentes. *Diário, Opinião*, 2-A, 2003.
18. Oliveira RA. Educação infantil e acidentes: opiniões dos profissionais e caracterização dos riscos do ambiente educativo [dissertação]. Marília (SP): Faculdade de Filosofia e Ciências: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”; 2003.
19. Wolff S. Interações sociais em grupos homogêneos e heterogêneos em relação à formação profissional [dissertação]. Florianópolis (SC): Centro de Filosofia e Ciências Humanas: Universidade Federal de Santa Catarina; 2003.
20. Mirashi DDE. Transformação e formação: o aluno fonoaudiológico [dissertação]. São Paulo (SP): Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 2000.
21. Belei RA, Gimenez-Paschoal SR, Nascimento EM, Matsuoto PHV. O uso de entrevista, observação e videogravação em pesquisa qualitativa. *Cad Educação.* 2008; 30:187-99.
22. Diogo NMF, Carvalho DB, Araujo JS, Monteiro FSCT, Machado KS, Nascimento, MCB, Silva NS, Silva SF, Lopes PO. Nas vias do vento: a produção de vídeo como estratégia pedagógica na formação profissional de psicólogos. *Psicologia: Ens Form.* 2011; 2(1):21-32.
23. Lopes WO, Saupe R, Massaroli A. Visita domiciliar: tecnologia para o cuidado, o ensino e a pesquisa. *Ciênc Cuidado Saúde.* 2008; 7(2): 241-7.

Recebido em novembro/13; aprovado em abril/14.

Endereço para correspondência

Edinalva Neves Nascimento Endereço: Rua Santa Helena, 1967 casa 27 – Jd. Estoril, Marília-SP/Brasil

CEP: 17514-410

E-mail: diquata@gmail.com